

Excelentíssimo Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Luiz José Dezena da Silva; Excelentíssima Desembargadora Presidente deste Egrégio Regional, Ana Paula Pelegrina Lockman; nas pessoas de quem cumprimento os demais membros da mesa alta.

Excelentíssimas Desembargadoras deste Tribunal; Excelentíssimos Desembargadores deste Tribunal - os quais saúdo na pessoa do nosso Decano, Desembargador José Pedro de Camargo Rodrigues de Souza, meu professor nos bancos escolares.

Colegas Juízas e colegas Juízes de Primeiro Grau.

Colegas servidoras e colegas servidores.

Senhoras e senhores.

Antes de tudo, quero parabenizar a minha amiga Antonia Santana, também nomeada ao TRT da 15ª Região.

Hoje é um dia muito feliz para mim e por isso estou grato pela presença de todos.

É cena comum numa partida de futebol, quando um atacante faz um gol, vê-lo correndo para comemorar com os demais jogadores, com a comissão técnica, com aqueles que estão no banco de reservas. Ele comemora com todos aqueles que, de alguma forma, tiveram participação naquele momento tão importante.

Este dia, para mim, tem esse gostinho de um gol marcado numa final de campeonato, por isso quero comemorar com todos que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a chegar até aqui, me ajudaram a marcar este gol.

Na verdade, muito embora trabalhasse para ir o mais longe possível na minha carreira profissional, não via com olhos de realidade que isso pudesse acontecer.

Os fatos da vida mudam tão rapidamente, que às vezes é difícil prever o que vai ocorrer no dia seguinte.

Já agradei, publicamente, a todos os desembargadores desta Casa por essa tão honrosa deferência de poder fazer parte deste Colegiado, e o faço novamente neste momento, comprometendo-me a tudo fazer para merecê-la.

Eu estou lendo um livro de José Saramago, cujo título é “A Jangada de Pedra”. É um livro ficcional, que trata de um evento irreal e fantástico, que obviamente só existiu na cabeça prodigiosa daquele escritor. No livro, constata-se uma fissura no solo, uma trinca que vai crescendo e se

alargando a ponto de separar, fisicamente, a Península Ibérica do resto do Continente Europeu.

Na história, esse gigantesco pedaço de terra se desprende do continente e começa a flutuar mar a dentro, até se firmar como uma nova ilha.

Dizem os entendidos que essa história era uma crítica que Saramago fazia aos demais países do Continente Europeu, que segundo ele e na época em que foi escrita a obra, tratavam os países ibéricos, especialmente Portugal e Espanha, com certo desprezo.

Mas o que me chamou a atenção no livro não foi, propriamente, a história e sim o título – **a jangada de pedra**.

Afinal, a não ser no mundo de ficção de Saramago, como é possível que um bloco de pedras ou uma jangada de pedra pudesse navegar?

E aí entra a minha história.

Eu nunca fui um luminar, um prodígio. Eu nunca fui daquelas pessoas precoces, que entram na faculdade com 17 anos, colam grau com 22 anos, já empregados num grande escritório ou já aprovados em um concurso público.

Não.

Eu sempre tive o meu tempo. As coisas aconteciam no meu tempo e no meu espaço. As coisas comigo sempre foram na base da transpiração, pois a inspiração sempre me foi muito modesta.

Eu era, por assim dizer, uma jangada de pedra.

Para se ter uma ideia, eu terminei a faculdade, me inscrevi na Ordem dos Advogados do Brasil mas não fui advogar. Fiquei um tempo trabalhando numa empresa, no departamento de pessoal. Achava que não conseguiria, achava que poderia prejudicar as pessoas com a minha inexperiência.

Até que um amigo, hoje já falecido, Pedro Luiz Patucci, me convidou para montarmos o nosso escritório de advocacia. Ele insistiu tanto que acabei acreditando que poderia dar certo e realmente deu certo, graças a ele e a outros amigos, como João Carlos Wilson, que está aqui hoje (meu amigo de infância, de escola, de faculdade).

Mais tarde, já um advogado trabalhista com certa experiência, num determinado dia, fazendo audiências na então Junta de Conciliação e Julgamento de Itu, fui abordado pela Juíza Presidente na época, Dra. Elency Pereira Neves, que disse que ao final da sessão gostaria de falar comigo no seu gabinete.

Eu, gélido, ao mesmo tempo buscando pela memória o que de errado teria feito e já tentando arrumar uma boa desculpa, o que era impossível dado que não sabia o que estava acontecendo, tive uma grata surpresa quando a Dra. Elency elogiou o meu trabalho e me aconselhou a prestar concurso para a Magistratura do Trabalho. Disse que eu era estudioso e que poderia dar certo.

E eu segui aquele conselho.

Falei com a minha esposa, e para ter mais tempo para estudar me empreguei como advogado numa Usina de Açúcar em Rafard, e lá fomos morar, eu, minha mulher e minha filha. (Muitos fazem Harvard – eu fiz Rafard).

E essas são as primeiras explicações para que eu – jangada de pedra -, começasse a flutuar.

Mas nada era fácil.

Era preciso estudar muito e comprar livros, muitos livros, como faço até hoje. Era até engraçado, porque a minha mulher tem mania de marcar tudo, especialmente as nossas dívidas, e naquela época o primeiro item de despesas que ela marcava no nosso caderninho era “Lacier”. Aliás, convidei o Lacier para este momento, que de alguma forma ele ajudou a bancar.

E vejam que no primeiro concurso do qual participei eu comecei com tudo. Passei na primeira fase até com certa facilidade, passei na segunda fase bem posicionado, e quando passei na prova de sentença eu já me sentia juiz. Comecei a achar que de fato eu era o tal.

Mas aí veio a decepção. Fui reprovado na prova oral e aquilo foi terrível. Eu regredi ao nível “menos um” na categoria jangada de pedra. Não queria mais estudar, não queria mais nem pensar em concurso público.

Mas nesse momento entra uma das pessoas mais importantes da minha vida. Minha mulher me abraçou, me acalmou, me encorajou a continuar estudando e eu acabei passando no concurso seguinte.

O Arnaldo Antunes tem uma música, cantada pelos Tribalistas, chamada “Velha Infância”. Uma das frases dessa música é a seguinte: “Meu riso é tão feliz contigo. O meu melhor amigo é o meu amor”. A minha mulher é de fato a minha melhor amiga e é o meu amor.

Depois disso, aprovado no concurso e já passados 4 anos como juiz substituto, fui nomeado Juiz Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Ourinhos.

E lá fomos nós de novo – eu, minha mulher e minha filha. Nós nos mudamos para lá, viramos ourinhenses natos e ali ficamos por 17 anos. Eu adorava aquela cidade. Eu usava até chapéu nas festas de peão.

Mas um dia, desses normais na vida de qualquer jangada de pedra, toca o telefone e eu atendo. Era a saudosa Desembargadora Maria Madalena de Oliveira. Ela me disse, toda entusiasmada, que estava me telefonando para me informar que eu seria o seu substituto no seu gabinete. E que se o “Zé Pedro” me ligasse era para eu dizer que já tinha aceitado o convite dela.

E desta forma, pelas mãos da nossa Madá, eu conheci o segundo grau de jurisdição. E pude compreender melhor o trabalho na fase recursal dos processos e quão difícil é o julgamento colegiado.

O tempo passou e anos mais tarde, já de volta a Ourinhos, novamente saí da letargia própria das jangadas de pedra por meio de outro telefonema. Em 2014 o então juiz auxiliar da presidência – Jorge Luiz Costa -, hoje desembargador aposentado desta casa, dizia que o Dr. Lorival

Ferreira dos Santos acabara de ser eleito Presidente do Tribunal, e que estava me convidando para ser seu juiz auxiliar.

Eu me lembro que nesse dia argumentei com o Jorge que eu não conhecia direito o próprio Dr. Lorival, e que tinha receio de não corresponder às suas expectativas. Ao que me respondeu o Jorge: mas o Dr. Lorival te conhece. Isso soou para mim como um voto de confiança e eu aceitei esse desafio.

A partir de então, tive o prazer de conhecer a grandiosidade do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região agora pelo lado da administração pública. Pude conhecer servidores públicos do mais alto quilate, pude perceber a seriedade com que o trabalho era realizado, não só na administração do Dr. Lorival, mas de outros administradores para os quais também tive a honra de atuar como juiz auxiliar: Dr. Fernando Borges, Dra. Ana Amarylis, Dr. Samuel Hugo Lima, Dra. Ana Paula Lockman.

Como se pode ver, eu tive bons momentos na minha vida profissional, não tenho dúvidas disso. Mas tudo isso não saiu de graça. Alguém já disse que é preciso tomar muito cuidado com o que se deseja.

É muito grande a cota de sacrifício pessoal para chegar até aqui. E essa cota é ainda maior em relação aos nossos familiares, aos nossos entes queridos.

A minha filha, quando era uma menininha aprendendo a escrever, ela entrava no meu escritório, sorratamente, e deixava na minha mesa um bilhetinho, um pequeno pedaço de papel escrito: “papai eu te amo”. E eu, no

meio de uma montanha de processos, escrevia no verso desse mesmo papelzinho: “eu também te amo” e deixava na mesa para que ela viesse pegar.

Mas na verdade era só isso que eu fazia. E fazia às vezes sem me desligar dos meus afazeres, das minhas sentenças. Eu queria fazer muito mais. Queria estar com ela, com a minha esposa, com meus pais, com meu irmão querido.

Mas eu não fiz isso. Não pude fazer isso.

Acho mesmo que ninguém tem condições fazê-lo, ao menos com a intensidade que se deseja.

Um dia desses, lendo um livro antigo, me deparei com um desses bilhetinhos fazendo as vezes de um marcador de livros. Lá estava escrito: “papai eu te amo”, mas não tinha a minha resposta. Nossa, eu daria tudo para poder voltar no tempo, nem que fosse por um segundo, para não só escrever de volta, mas para poder abraçar aquela menininha e dizer o quanto eu a amo.

Claro, minha filha está aqui hoje. Eu digo a ela que a amo praticamente todos os dias. Mas todos precisamos de um abraço na hora certa. “O melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”, como diz a música do Jota Quest.

E a ausência é muito dolorida. E eu privei não só a minha esposa e a minha filha da minha companhia, mas também os meus pais, o meu irmão. E vejam que a ausência mais dolorida é aquela que se faz com o

corpo presente. Quantas vezes você está com sua família, mas a cabeça está longe, resolvendo algum processo intrincado que você não conseguiu solucionar.

E tenho certeza de que esse não é um sentimento só meu. As magistradas e os magistrados que estão aqui, certamente, em menor ou maior intensidade, já sentiram a mesma sensação.

Piero Calamandrei, em célebre livro, fala que **a independência do juiz é um duro privilégio que impõe a quem o desfruta a coragem de ficar a sós**. Acho que isso é uma grande verdade.

Por fim, deixei por último um registro dos mais importantes.

Quando comecei a falar da minha vida de jangada de pedra, e de como essa exótica embarcação conseguiu flutuar até aqui, deixei de mencionar, propositadamente, os meus pais.

Meus pais são pessoas humildes. Trabalharam na roça, depois foram operários. Meu pai era um tecelão que acabou perdendo a saúde numa fábrica de tecidos. Minha mãe tecia malhas numa máquina manual, em casa. Meu irmão tem até um monólogo que ele escreveu descrevendo essa cena. A minha mãe ziguezagueando o carrinho da máquina de tecer, sempre cantarolando, e a malha se formando em várias cores, por baixo do feixe de agulhas.

Era uma vida de muito trabalho e de muitas lutas.

Mas a despeito da origem humilde e da falta de oportunidades, meus pais sempre acreditaram na escola e na educação. Eu e meu irmão sempre tivemos a consciência da importância da escola.

Meu pai completou o ensino fundamental numa escola de educação para adultos. Eu me lembro até hoje de um dos livros que ele lia chamava-se “nossa antologia”. Eu tenho a capa do livro na minha cabeça, mas confesso que não me lembro do conteúdo e nem se cheguei a lê-lo.

E minha mãe tinha muito orgulho do meu pai, do esforço que ele fez para adquirir algum conhecimento. Nós tínhamos muito orgulho dessa sua conquista.

Pouco antes da publicação da minha nomeação como desembargador, meu pai faleceu depois de uma queda.

Uma tristeza só...

Mas eu me conforto em pensar que ele deve estar muito feliz pela minha conquista, que é dele também e de todos da minha família, principalmente da minha mãe que está aqui hoje.

Quero encerrar, já pedindo perdão por esta massante fala, lembrando a frase de Heráclito de Éfeso, filósofo pré-socrático segundo a qual “ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”, porque da segunda vez o rio não será o mesmo, pois aquelas primeiras águas teriam se passado, e a pessoa a se banhar também não seria mais a mesma, modificada que foi pelo contato com outras pessoas, pelos ensinamentos que recebeu, pelas

decepções que teve, pelas lutas travadas, pelas alegrias e pelas tristezas experimentadas.

Quero dizer que não sou mais uma jangada de pedra, e devo tudo isso às pessoas que nesses longos anos conheci e aprendi com elas.

Muito obrigado.